

ARTIGO

EITA GOTA, QUE “CADIN” DE AMOR PRA
RENDER TANTO EM NÓS!

Por Johniere Alves Ribeiro

“Um amor puro/Não sabe a força que tem/Meu amor, eu juro/
Ser teu e de mais ninguém [...]” - se “Ciço de Luzia” fosse uma telenovela ou um filme-, estes versos cantados por Djavan poderiam torna-se a trilha sonora perfeita para embalar o amor dos personagens deste livro de Efigênio Moura, lançado em 2013, pela editora da UEPB, com selo Latus.

Ciço de Luzia surge no seio de uma geração intercambiada pelos mais variados tipos de mídias, sufocada e naufragada no mundo virtual, que se mostra sedutor e que retém boa parte do nosso tempo. Fazendo-nos acreditar que o mesmo passa rapidamente, promovendo, dessa forma, relações sociais cada vez mais “líquidas”, principalmente no campo da afetividade. Aspectos radiografados por Zygmund Bauman em suas teorias, que tentam cartografar “a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes”(BAUMAN, 2004, p. 8) tão presentes nos relacionamentos da sociedade contemporânea.

É na contramão desse contexto high tech e de afinidades fragilizadas, que a escrita de Efigênio Moura vem sendo forjada. Tanto que desde Eita Gota, uma viagem paraibana – que apresenta uma verdadeira odisséia enfrentada por Dona Neves e seu neto para pagar uma promessa. O autor monteiroense, neste seu primeiro livro, recheia sua narrativa com a fé, somado ao ar quente e seco do nosso Cariri

paraibano. Ofertando ao seu texto o retrato de um quadro com tintas em alto-relevo da vida sofrida e simples do povo daquela região. Contudo, o autor não deixa o bom humor de lado, mostrando que mesmo em condições precárias, contra tudo e contra todos, ainda há espaço para alegria e esperança no dia a dia do “caririzeiro”.

No romance Ciço de Luzia somos apresentados, por meio de uma narrativa linear e sem muito “floreios”, a um sentimento puro, incondicional e recíproco entre Ciço e Luzia, que mesmo brotando em um ambiente de alta aridez, este se torna fértil para tão grande amor. Amor que não quer nada em troca. Amor que não se configura como uma busca pelo outro por pavor à solidão, mas que mantém este outro a uma distância que permita o exercício da liberdade. A relação entre estes personagens de Efigênio Moura não é oscilante “entre sonho e o pesadelo” e que não “há como determinar quando um se transforma no outro”(BAUMAN, 2004, p.8). Assim, os dois se transformam em um, de modo natural, como natural é o sentimento dos dois.

A história de Ciço e Luzia se passa por volta dos anos de 1970, na Fazenda Macaxeira, onde nosso personagem central trabalhava, nas terras pertencentes a Zé Vando, pai de sua amada. Localizava-se entre as regiões de Monteiro, Zabelê e Camalaú, no Cariri da Paraíba. Muito longe, portanto, da tecnologia de ponta e do acesso ao mundo das redes sociais de hoje. Por isso, Efigênio fez questão de usar a variante linguística predominante naquela época e relacionada à região. Caririzeiro que é, consegue utilizar a linguagem do seu povo – que ele mesmo denomina de “matutês” - sem cometer o erro de cair no preconceito linguístico, tão reiterado pela grande mídia, quando nos apresenta personagens nordestinos.

Durante a leitura teremos contato com este código linguístico peculiar. Ao passo que a descrição vai se aprofundando, salta-nos aos olhos palavras e expressões como: “ Nas noites que não luava”; “instalá”; “bardia”; “veraineiz”; “fubica”; “ Galego dága doce”, dentre outras que só o glossário, após cada capítulo, nos ajuda a compreender o que cada vocábulo deste quer dizer. Estes elementos linguísticos, do romance *Ciço de Luzia*, nos ajuda a ter um pouco de contato com a cultura de algumas localidades nordestinas e entender como se dá as relações sociais e econômicas no interior desta região. Estes aspectos somados a descrição do ambiente onde se passa a história oferta ao romance em questão um tom “regionalista”.

Além deste caráter regionalista da linguagem, algumas personagens vão ajudando a compor a cor local no interior do romance, principalmente pela a função pragmática que cada um desempenha na fazenda ou no contexto da obra de um modo geral. Nesse sentido, são marcantes figuras como: o galego Galdino vaqueiro, pai de Tôco, Pitôco e Cotôco, tinha como esposa Ana Clara (um das poucas personagens com nome urbano); Dona Jesuína, vó e conselheira de Luzia, incentiva o namoro da garota com Ciço; o dono da Veraneio que conduz Luzia, pela primeira vez, para a praia; o poeta popular Marco Aurélio... A lista é grande. Mas, sem dúvida, uma personagem que nos chama atenção é a “cachorra” Sabida, ela acabou se tornando mais do que um animal de estimação, tornou-se sua confidente: “Sabida sabia de um monte de coisas de Ciço, sabia ele tava alegre quando assoviava Farelin de Nada” (MOURA, p.85). Sabida lembra outro animal famoso em nossa literatura: Baleia, do livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

Talvez, diante do “Mundo da Literatura”, esta bela história

contada por Efigênio Moura, seja apenas um “cadin só de amor”, mas que rende bastante em cada um daquele que lê-la. E, que se cuidem: Bentinho e Capitu, Fenando Seixas e Aurélia Camargo, como também outros dos principais pares da literatura brasileira e mundial, pois eis que surge esse novo grande amor solidificado na aridez do Cariri paraibano e que propositalmente foge da “liquidez” das relações contemporânea. Agora é só ler e conferir *Ciço de Luzia*.

JOHNIERE ALVES RIBEIRO (PARAÍBA) - Escritor e Professor. Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Possui poemas e ensaios publicados em diversos jornais e revistas.